Capítulo VIII — O Calvário

> **Sumário.** Situação e descrição do Calvário. — Parte do monte Moriá. Três cimos do monte Moriá. — Como foram ocupados. — O cimo do Calvário fora de Jerusalém, no tempo de Nosso Senhor. — O Calvário tal como é hoje. — Passagem de Monsenhor Mislin. — Traz ainda a marca dos prodígios de que foi teatro. — Citação de Adricômio e de um viajante protestante. — Etimologia da palavra Calvário. — A cabeça de Adão enterrada no Calvário. Antiga tradição do Oriente.

Imediatamente depois da Porta judiciária começava o Calvário propriamente dito. Antes de tocar o solo dessa colina, sobre a qual vão consumar-se, dentro de poucos instantes, tão prodigiosos mistérios, entre outros a morte do Filho de Deus e a conversão de Dimas, procuremos descrevê-la. Para nos orientarmos, digamos primeiro uma palavra sobre a situação de Jerusalém. Essa cidade está construída sobre uma montanha em forma de península, cujas abordagens, abruptas ao norte, ao leste, ao sul e mesmo em parte a oeste, são circunscritas pelos vales estreitos e profundos de Josafá, de Giom e de Geena. Essa montanha tem vários cumes de alturas desiguais: o mais célebre é o Calvário.

Recolhamo-nos para ouvir o que nos vai dizer a respeito um grande bispo do Oriente, mestre ilustre de discípulos ainda mais ilustres, são Crisóstomo, são Basílio, santo Atanásio.

> *O Calvário — diz Diodoro de Tarso — fazia parte do monte Moriá. O monte Moriá dividia-se em várias colinas e outeiros. Na parte oriental estava o cume chamado Sião, onde se achava a cidadela de Davi. Perto dali estava a eira ou o campo de Ornã, o jebuseu, comprado por Davi e que se tornou o lugar do templo de Salomão, como se diz no segundo livro dos Paralipômenos. Outra parte do Moriá, chamada Calvário, ficou fora do recinto da cidade. Foi ali que foi imolado Isaac, e o Cristo, figurado por Isaac.*[1]

Outros viajantes, posteriores ao bispo de Tarso e não menos exatos, distinguem três cimos no monte Moriá: o primeiro, Sião, assim chamado por causa de sua altura; o segundo, Moriá propriamente dito; o terceiro, Calvário. Em Sião, a cidade e a cidadela de Davi; em Moriá, o templo de Salomão; no Calvário, a crucificação de Cristo.[2]

Em nossos dias, um douto prelado, Monsenhor Mislin, dá-nos a conhecer o Calvário em particular.

>

> *No tempo de Nosso Senhor, o Calvário ficava fora do recinto da cidade e da Porta judiciária: foi ali que Nosso Senhor «padeceo fóra da porta*

(*extra portam passus est*). Hoje o Calvário está encerrado nos muros de Jerusalém. Ora, pelas pesquisas sobre a situação e a circunferência da antiga cidade, ficou demonstrado que os muros de então não tinham a mesma direção que os de hoje.

> *Segundo a antiga delimitação, todo o espaço em que se encontram o convento latino, a maior parte do convento grego e a igreja do Santo Sepulcro está fora dos antigos muros, de que se notam restos incontestáveis perto da Porta judiciária. Essa parte da cidade atual, onde já no tempo de Nosso Senhor havia jardins, como o de José de Arimateia, e algumas casas isoladas, foi, por Agripa, o Velho, cercada de um muro, que formou o terceiro recinto de Jerusalém. Essa mudança deu-se cerca de dez anos depois da morte de Nosso Senhor.*[3]

Apesar dessa modificação superficial, o Calvário conserva em si mesmo as provas de sua identidade e dos prodígios de que foi teatro. Assim é que, apesar das revoluções do globo, a terra guarda, nos fósseis escondidos no fundo de suas entranhas, a prova palpável da narração mosaica. Citemos somente o rochedo fendido na morte de Nosso Senhor: esse rochedo ainda se vê.

O célebre Adricômio, que o examinou há três séculos, descreve-o nestes termos:

> *No monte pedregoso do Calvário existe a prova da ruptura dos rochedos. Pode-se ver a fenda que, na morte de Nosso Senhor, se fez à esquerda de sua cruz, perpendicularmente abaixo da cruz do mau ladrão. Conserva ainda os vestígios do sangue do Senhor. Tal é a largura da fenda que pode deixar passar um corpo humano. É tão profunda que os curiosos tentaram em vão sondá-la. Dir-se-ia que desce até os infernos; e que, assim como ao ladrão da mão direita se abriu o caminho do céu pela morte do Redentor, assim, pela fenda desse rochedo, foi preparado ao ladrão da mão esquerda, como outrora ao rebelde Coré, o caminho do inferno.*[4]

Escutemos agora um viajante moderno, viajante protestante, citado por outro protestante.

> *Um fidalgo inglês, homem muito estimável, que viajara na Palestina, assegurou-me que seu companheiro de viagem, um deísta cheio de espírito, procurava, pelo caminho, ridicularizar as narrações que os sacerdotes católicos lhes faziam sobre os lugares sagrados. Foi nessas disposições que foi visitar as fendas do*

> *rochedo que se mostram no monte Calvário como efeito do tremor de terra ocorrido na morte de Jesus Cristo, e que hoje se veem encerradas na vasta cúpula construída pelo imperador Constantino.*

> *Mas quando veio a examinar essas aberturas, com a exatidão e a atenção de um naturalista, disse a seu amigo: Começo a ser cristão. Fiz — continuou — longo estudo de física e de matemática, e estou seguro de que as rupturas do rochedo nunca foram produzidas por um tremor de terra ordinário e natural. Um abalo semelhante teria, na verdade, separado as diversas camadas de que a massa é composta; mas teria sido seguindo as veias que as distinguem e rompendo a sua ligação pelos pontos mais fracos. Observei que assim é nos rochedos que os tremores de terra levantaram, e a razão nada nos ensina que não seja conforme a isso.*

> *Aqui é coisa muito diferente. A rocha está partida transversalmente, a ruptura corta as veias de maneira estranha e sobrenatural. Vejo, pois, clara e demonstrativamente que é puro efeito de um milagre, que nem a arte nem a natureza podiam produzir. Por isso — acrescentou —, rendo graças a Deus por me haver conduzido aqui, para contemplar esse monumento de seu maravilhoso poder, monumento que põe em tão grande luz a divindade de Jesus Cristo.*[5]

Como acaba de ser dito, o Calvário está agora encerrado no recinto da cidade. As rampas inferiores estão cobertas de casas, e o cimo, bem como as partes adjacentes, compreendidos na igreja do Santo Sepulcro. O lugar da grande execução nos é conhecido. Antes de lhe galgar o cume, no encalço de Nosso Senhor e de seus companheiros de suplício, detenhamo-nos um instante, pois, até no nome dessa colina, tudo é mistério.

Calvário, em siro-caldaico Gólgota, quer dizer Lugar da caveira. De onde pode vir essa estranha denominação? Para sabê-lo, é preciso interrogar a tradição do antigo Oriente.

> *Vem — responde ela — de que a cabeça de Adão foi depositada no cimo dessa montanha. Quando as águas do dilúvio estavam a ponto de invadir a terra e reduzir a pó os ossos dos homens, ou de misturá-los com os dos animais, Noé recolheu os ossos de Adão e os pôs religiosamente na arca.*

> *Depois do dilúvio, repartiu-os entre os seus filhos. A Sem, como primogênito, deu a cabeça do Pai do gênero humano e, com ela, a Judeia. Seja por ordem profética de Noé, seja por inspiração pessoal, Sem sepultou no Gólgota a cabeça do primeiro Adão, a fim de que o sangue do segundo Adão desse a vida ao mundo no lugar mesmo onde repousava aquele que lhe dera a morte. Por esse fato a montanha tomou o nome de Calvário, lugar da caveira.*[6]

Por mais surpreendente que pareça à primeira vista, os mais ilustres Padres do Oriente e do Ocidente não hesitaram em receber essa bela tradição e em fazer-se seus intérpretes. Além da autoridade do douto mestre de santo Efrém, que acabamos de citar, e da de tantos outros que citaremos em breve, ela se apoia nos desígnios misteriosos da sabedoria divina e se acha em harmonia quer com os sentimentos da natureza, quer com os costumes dos antigos patriarcas.

> *Todos os povos do mundo — diz o douto Masius — tiveram religioso cuidado com os despojos dos mortos ilustres. É sentimento inato no homem. Por isso, em parte alguma se trataram os ossos ou as cinzas dos mortos como coisas profanas e inanimadas. Ainda que separados da alma, conservam não sei que germe de imortalidade, que lhes deixa uma espécie de vida, até que a retomem inteira, reintegrados em seu primeiro estado.*[7]

No Egito, os mortos eram objeto de cuidados quase supersticiosos. O que havia de mais sagrado entre os romanos era a religião dos túmulos. Daí tantos monumentos suntuosos para conservar as cinzas de seus mortos. O mesmo com os outros povos civilizados. Não se viram até os selvagens do Novo Mundo, fugindo diante da conquista, levar consigo os ossos de seus pais? Por que Noé, o justo por excelência, não teria feito com Adão o que tantos outros, menos religiosos do que ele, cumpriam tão fielmente por mortos muito menos ilustres?

Não há quem não conheça o religioso cuidado de seus descendentes pelos ossos de seus pais. Jacó, morrendo no Egito, recomenda a seus filhos que levem seus despojos para a terra prometida a fim de ali sepultá-los: é fielmente obedecido. Ao fugirem do Egito, os israelitas não deixaram ali, por nada, os ossos de José. Como um tesouro de respeito e de amor, levaram-nos consigo e depositaram-nos em Siquém, no campo comprado por Jacó.

Digamo-lo de passagem: ai do povo que esquece os seus mortos, que os relega para longe de si e a quem a sua lembrança parece importunar! A piedade para com os mortos, o cuidado de sua sepultura, a visita de seus túmulos, o desejo de repousar junto daqueles que nos foram unidos pelos laços do sangue ou da amizade são sentimentos tão sagrados que não se podem desconhecer sem dar de si mesmo a ideia mais triste e mais alarmante. A ingratidão nunca foi o caráter de um bom coração, e um mau coração é capaz de todo mal, incapaz de todo bem.

Notas

[1] *Mons Moria in plures colles et monticulos fuit divisus. In orientis enim parte montis Moria fuit Sion, in qua erat arx David; juxta quam, in area Ornan Jebusæi a Davide coempta, Salomon extruxit templum, ut patet, II Paralip., II, 1. Alia pars Moria extra urbem Jerusalem mansit, posteaque dicta est mons Calvariæ, in quo tam Isaac quam Christus, per Isaac significatus, immolatus est.* («O monte Moriá foi dividido em várias colinas e outeiros. Na parte oriental do monte Moriá estava Sião, na qual havia a cidadela de Davi; junto à qual, na eira de Ornã, o jebuseu, comprada por Davi, Salomão construiu o templo, como consta, 2 Paralipômenos 3, 1. Outra parte do Moriá ficou fora da cidade de Jerusalém e foi depois chamada monte do Calvário, no qual foram imolados tanto Isaac quanto Cristo, significado por Isaac.») Em Cornélio a Lápide, *in Gen.*, XXII, 2.

[2] Burcardo, *Descript. Terræ S.*, e Genebrardo, liv. I, *Chronograph. Asserunt in eodem montis tractu tres esse colles, sive montes, qui aliquando una appellatione Sion dicuntur; aliquando peculiaria sortiuntur nomina. Primus est Sion, qui propter celsitudinem hoc nomine appellatur: significat enim Sion speculam. Secundus, Moria. Tertius, Calvariæ mons. In Sion, civitas David et arx; in Moria templum; in monte Calvariæ Christus est in crucem actus.* («Afirmam que no mesmo trato do monte há três colinas, ou montes, que às vezes se dizem com uma só denominação, Sião, e às vezes recebem nomes particulares. O primeiro é Sião, chamado com esse nome por causa da altura: significa, com efeito, Sião *atalaia*. O segundo, Moriá. O terceiro, o monte do Calvário. Em Sião, a cidade de Davi e a cidadela; em Moriá, o templo; no monte do Calvário, Cristo foi levado à cruz.») Em ambos os autores.

[3] *Lieux saints* («Lugares santos»), t. II, cap. XX, 39.

[4] *In petroso Calvariæ monte adhuc extat argumentum ruptarum petrarum. Ibi enim conspici etiamnum potest illa quæ sub manu Christi læva, et a sinistris pendentis latronis in cruce, in morte Domini facta est scissura, in qua dominici sanguinis colorem adhuc deprehendere licet... Cujus quidem scissuræ ea est latitudo, quod humani corporis crassitiem facile capere posset. Profunditas vero tanta, quod ab ejus rei curiosis, dimissa bolide, nequaquam potuerit investigari; ut verisimile sit, ad infernum usque patere; et quemadmodum latroni dextro via per Christi mortem in cœlum reserata est, ita per petræ hujus scissuram latroni sinistro, ut olim rebelli Core, viam in infernum apertam esse.* («No pedregoso monte do Calvário existe ainda a prova das rochas rompidas. Ali, com efeito, ainda se pode ver aquela fenda que se fez, na morte do Senhor, sob a mão esquerda de Cristo e sob o ladrão pendente à esquerda na cruz, na qual ainda se pode perceber a cor do sangue do Senhor... A largura dessa fenda é tal que poderia receber facilmente a grossura de um corpo humano. A profundidade, porém, é tanta que, lançada uma sonda, os curiosos de modo algum puderam investigá-la; de sorte que é verossímil que se estenda até o inferno; e, assim como ao ladrão da direita se abriu o caminho do céu pela morte de Cristo, assim, pela fenda desta rocha, ao ladrão da esquerda, como outrora ao rebelde Coré, ficou aberto o caminho do inferno.») *Descript. urb. Jerosol.*

[5] Addison, *De la relig. chrét.*, t. II; *Lieux saints*, t. II, cap. XX, 50, e cap. I, p. 25.

[6] *Jacobus Orrhohaita, sive Edessenus, scriptor apud Syros cum primis nobilis, et magni Ephraimi olim doctor, memoriæ prodidit, Noham, ossa primi parentis Adami religiose in arcam ad se*

recepisse, et post siccatum a diluvio terrarum orbem, illa inter suos tres liberos, cum orbe ipso distribuisse, Semoque, quem anteferebat cæteris, calvariam donasse, et cum ea regionem illam, quam modo Judæam appellant. Quæ a priscis Syris tanquam per manus tradita posteris esse, est credibile, etc. («Tiago de Edessa, escritor entre os sírios dos mais nobres e outrora mestre do grande Efrém, legou à memória que Noé recebeu religiosamente consigo, na arca, os ossos do primeiro pai Adão e, secada pelo dilúvio a terra, os distribuiu entre os seus três filhos, juntamente com o próprio orbe, e deu a Sem, a quem preferia aos demais, o crânio e, com ele, aquela região que agora se chama Judeia. É crível que isso tenha sido transmitido aos pósteros pelos antigos sírios, de mão em mão», etc.) André Masius, *Josuæ imperatoris historia illustrata atque explicata*, Antuérpia, 1574, *in-fólio*, *Comment. in Jos.*, último cap., p. 349.

[7] *Quam ob causam credibile est, istam ossium curam inde ab ortu generis humani, hominibus inditam fuisse.* («Por essa razão é crível que esse cuidado com os ossos tenha sido incutido nos homens desde a origem do gênero humano.») Masius, loc. cit.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:39:52 by Admin
Updated 25 November 2026 00:39:52 by Admin